INSTITUIÇÕES DE APOIO ÀS MULHERES NA VISÃO DAS POSSÍVEIS USUÁRIAS

Rodrigo Cirino Mendes¹
Natália Cândido da Cruz Silva
Anita Leocádia Pereira dos Santos
CCA/DCFS/PROEXT/MEC/2013

INTRODUÇÃO

As relações de gênero são baseadas em sistema de relações de poder que constitui papéis, identidades e comportamentos opostos atribuídos a mulheres e homens (SOUSA E CARVALHO, 2003). Esses papéis de gênero são frutos da organização simbólica da divisão social do trabalho, sendo, de acordo com Bourdieu (2005), uma construção arbitrária do biológico, dos corpos masculino e feminino que fundamenta e ainda naturaliza a visão androcêntrica da divisão sexual do trabalho e as mulheres são predominantemente submetidas a um trabalho de socialização que tende a diminuí-las, a negá-las, conduzindo-as a aprendizagem das virtudes de abnegação, resignação e silêncio, sendo muitas vezes rebaixadas socialmente a objetos ou símbolos, cujo sentido é contribuir para o aumento do capital simbólico em poder dos homens.

Louro (2001) aponta que a nossa sociedade constrói contornos que demarcam fronteiras entre aqueles que representam a norma, ou seja, que estão em consonância com seus padrões culturais e aqueles que ficam fora dela, às suas margens e, dessa forma, a cultura define o gênero a partir das características biológicas, ao construir socialmente qualidades, padrões de comportamento, valores e papéis para homes e mulheres.

Conforme Silva (2008), a cultura é criadora de significados e estereótipos, e que ao modificada poderá criar mecanismos de tolerância e até mesmo de aceitação da diversidade e à medida que os sistemas de significação e representação culturais são

¹ Bolsistas do Programa de Extensão: “Quem Disse Que As Mulheres Não Podem? Educação em Direitos, Esportes” que está sendo executado no ano de 2013, sob a coordenação da Professora Anita Leocádia Pereira dos Santos DCFS/CCA/UFPB.

produzidos e transformados, todos os sujeitos sociais também sofrem modificação (HALL, 2005).

Para que as mudanças ocorram de forma significativa é necessário que os indivíduos se sintam motivados e impelidos a tal transformação e que seus direitos sejam resguardados, respeitados e reivindicados. Neste sentido, o objetivo desse trabalho é diagnosticar as percepções de confiança e provocar reflexões acerca das instituições e/ou dos indivíduos aos quais as mulheres frequentemente, recorrem ou procuram apoio em situações de dificuldades vivenciadas por elas.

METODOLOGIA

Este estudo se originou a partir de uma das oficinas realizadas semanalmente no Centro Social Urbano - CSU da cidade de Areia, com mulheres voluntárias atendidas pelo Programa do Leite, durante o mês de julho de 2013. A amostra participante foi composta de 12 mulheres, com idades entre 27 e 39 anos que são mães, casadas, solteiras ou de união estável, com grau de escolaridade variando do Ensino Fundamental incompleto para o Ensino Médio completo. Os dados foram obtidos por meio de entrevista de grupo e também de impressões dos alunos bolsistas do programa ao longo da atividade desenvolvida chamada de “Dinâmica da Maré”.

As mulheres do público alvo se declaram “secretárias do lar”, e muitas delas exercem alguma atividade remunerada fora de casa como diaristas, agricultoras, auxiliares de serviços gerais e doceiras. Para preservar a identidade dessas mulheres, nos seus discursos estão registrados apenas o estado civil e a idade em cada relato apresentado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A “Dinâmica da Maré” consistiu em distribuir e colar cartolinas no chão que representaram ilhas (potenciais pontos de apoio às mulheres) em um total de 11 possibilidades. O chão representando o mar e ainda a existência de um tubarão fictício que atacaria sua presa no momento em que uma música fosse interrompida. Convencionou-se com o público as ilhas representariam nossos portos seguros, o mar representando os momentos de fragilidade e o tubarão simboliza os problemas e dificuldades que surgem. A dinâmica foi dividida em nove rodadas e em cada uma delas

as mulheres foram ocupando as ilhas com nomes que passavam maior segurança para cada uma delas. A ilha mais requisitada em cada rodada foi sendo removida, restando apenas três ilhas no final.

Pode-se observar que a primeira rodada foi marcada pela indecisão seja por causa das mais variadas alternativas ou talvez pela adaptação inicial a proposta da dinâmica. As mulheres ficaram divididas entre as ilhas: Pais, outros familiares e polícia, porém a mais requisitada foi a “Religião” tendo em vista que em função da crença religiosa das mulheres, a sua divindade representa um primeiro refúgio em tempos difíceis e que age em nossa vida silenciosamente preenchendo os vazios do nosso coração e suprimindo nossos sofrimentos e aflições.

Na segunda rodada as mulheres já se familiarizam mais com a dinâmica da atividade e estavam bem mais decididas e foi uma surpresa para todas elas ao perceberem que escolheram quase que em maioria, a ilha “Marido ou namorado”, o qual foi apontado que a questão do convívio e a confiança que se tem na pessoa que se constituiu uma família no caso o marido ou que se tem pretensão de constituir no caso o namorado, sabendo que além de um amante se tem um amigo ao seu lado.

Na terceira rodada, a ilha mais requisitada foi “Pais” também com uma grande maioria, assim como na rodada anterior. Já na quarta rodada houve certa divisão entre as ilhas “Outros Familiares” e “Polícia”, porém, com a mais solicitada foi à ilha outros familiares em função de ter uma mulher a mais. Quando foi perguntado ao público o que elas acharam desse “quase” empate, umas delas que escolheu a ilha “Outros Familiares” revelou:

Eu não me sinto apoiada pela polícia daqui de Areia, uma vez a casa de um conhecido foi roubada e quando eles chegaram de viagem à noite e viram a casa revirada, foram na delegacia denunciar e a resposta que tiveram de lá foi de que a polícia não trabalha de noite e no fim não resolveram nada (União Estável, 31 anos).

A Quinta rodada foi quase unânime na escolha da ilha “Amigos”, assim como na sexta, sétima e oitava rodada com as ilhas: “Escola e Universidade”, “CSU” e “Prefeitura” respectivamente. As mulheres relataram que se sentem apoiadas pela universidade em especial pelas atividades do projeto que vem sendo realizada desde o

ano de 2012 com o programa de extensão: Direitos, Memórias e Alfabetização Digital: Inclusão de Mulheres em Areia – PB.

Dessa forma, percebe-se que as atividades das oficinas permitem que as relações entre a universidade e a comunidade se tornem mais próximas e até confiáveis por parte das envolvidas. Um dos fatos curiosos nessa dinâmica foi que uma mesma participante ficou quase que em todas as rodadas na ilha ninguém, quando foi questionado a ela, se sua escolha estava relacionada com o fato dela sempre procurar resolver suas dificuldades ou fragilidade sempre sozinha, seja por medo ou desconfiança das pessoas ao seu redor, a participante entrou em aparente estado de reflexão, sem apresentar resposta.

Para a nona e última rodada, ficaram as ilhas: “Estranhos”, “Ninguém” e “Polícia”. As ínsulas de nomes “Estranhos” e “Ninguém” foram utilizadas com o propósito de ser um ponto de comparação para inferir a importância das demais ilhas. Sendo assim, é alarmante o fato de que a ínsula “Polícia” tenha ficado entre elas. Quando questionadas as participantes que escolheram a ilha “Prefeitura” na oitava rodada, sobre qual dos pontos de apoio elas escolheriam na rodada seguinte, a maioria delas revelou que escolheriam “Ninguém” ou “Estranhos” em vez da ilha “Polícia”, confienciando que seus pedidos de ajuda e suas necessidades eram negligenciados por essa instituição, na qual não acreditam.

Assim, atividade da “Dinâmica da Maré” utilizada na oficina possibilitou uma reflexão importante sobre a concepção das mulheres diante de instituições que deveriam ser vistas como amparo e possibilitou um trabalho inicial de conscientização sobre a visão androcêntrica existente em nossa cultura, tanto nas próprias participantes como nas instituições apresentadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, elas demonstraram se sentir apoiadas e seguras, principalmente, em seus familiares: pais, filhos e maridos e surge o questionamento sobre o que elas vão fazer quando são, exatamente, seus entes familiares que as oprimem? A quem pedir ajuda, quando seus defensores são seus agressores, e quando consideram pedir auxílio

da mesma forma “ninguém” ou “estranhos” em relação a instituição policial que, por lei, deveria fazer esse amparo?

Assim, para que ocorra alguma mudança na condição social das mulheres, é necessário que se faça um trabalho de sensibilização dessas mulheres sobre suas conquistas e seus direitos que foram sendo conquistados ao longo da história, pelas lutas das mulheres, como está sendo por meio das discussões dessas propostas nas oficinas para que elas possam se empoderar, exigir seus direitos e lutar para obter garantias de que eles sejam acatados, pelas instituições responsáveis.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 13.

LOURO. G. L. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G. L. et al. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo horizonte: Autêntica, 2001.

SOUSA, V. A.; CARVALHO, M. E. P. **Por uma Educação Escolar Não-Sexista**. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2003.